INTERLOCUÇÕES POÉTICAS BRASIL/PORTUGAL

Conselho Editorial Educação Nacional
Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp (*in memorian*)
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional
Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Solange Fiuza
Maria Aparecida Ribeiro
Vagner Camilo
(organizadores)

INTERLOCUÇÕES POÉTICAS BRASIL/PORTUGAL

MERCADO LETRAS®

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interlocuções poéticas Brasil/Portugal / [organização Solange Fiuza, Maria Aparecida Ribeiro, Vagner Camilo]. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Vários autores.
ISBN 978-65-86089-33-2

1. Artigos – Coletâneas 2. Poesia – Coletâneas – Crítica e interpretação 3. Poesia brasileira - Coletâneas 4. Poesia portuguesa – Coletâneas I. Fiuza, Solange. II. Ribeiro, Maria Aparecida. III. Camilo, Vagner.

CDD-B869.108 21-75906
869.108

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira B869.108
2. Poesia : Antologia : Literatura portuguesa 869.108

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/93

Apoio institucional
Capes e **CNPq**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© MERCADO DE LETRAS®
VR GOMIDE ME
Rua João da Cruz e Souza, 53
Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116
Campinas SP Brasil
www.mercado-de-letras.com.br
livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição
2021
IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98. É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

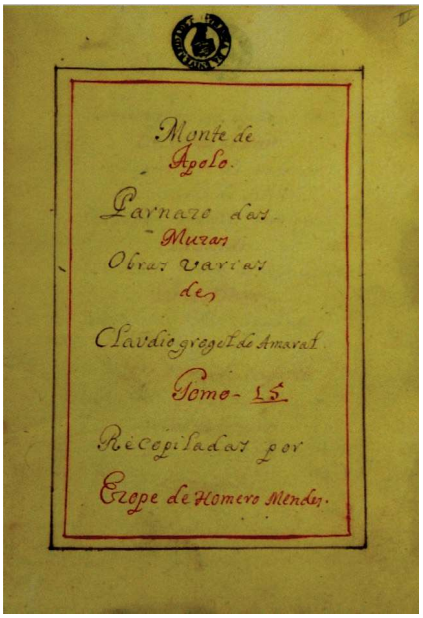
4

CLÁUDIO GRUGEL DO AMARAL E FREI BERNARDO DE BRITO: SENTIDOS DA PARÓDIA

Francisco Topa

A morte do autor, proclamada por correntes teóricas diversas que vão do Formalismo Russo ao *New Critiscism*, veio a tornar-se uma linha de força do pós-estruturalismo, tendo hoje uma ampla aceitação na sua vertente aplicada mais simples, a da aversão ao uso da biografia como elemento explicativo do texto. Esse consenso não implica contudo a rejeição pura e simples de informações de tipo biográfico enquanto elemento importante – e até decisivo – para a contextualização de uma obra. É justamente um caso deste tipo que será abordado neste artigo.

Vou assim retomar, corrigindo e alargando, um trabalho de 2011 (Topa 2011) que deverá sair no próximo ano sob a forma de edição crítica. O ponto de partida é o Ms. 354 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que apresenta a seguinte folha de rosto:



A inscrição engloba um título, um autor e um compilador: "Monte de/ Apolo./ Parnazo das/ Muzas/ Obras Varias/ de/ Claudio Grogel do Amaral./ Tomo – 15/ Recopiladas por Ezope de Homero Mendes." O título parece apontar para uma obra poética, provavelmente de estilo barroco; a indicação de autoria pede uma identificação que não é imediata nem fácil; o cólofon tem um caráter um tanto ou quanto burlesco: não é de crer na veracidade de um compilador chamado "Ezope" e "de Homero"; o mesmo se pode dizer de "Tomo – 15", a menos que a indicação seja interpretada como referência a uma coleção com vários poetas (e não, portanto, às obras de um mesmo "Claudio Grogel do Amaral"). A identificação do autor constitui um problema de difícil resolução que, como veremos, é importante para a leitura da obra como parte de uma tradição literária.

De acordo com aquilo que pude apurar até agora, há duas hipóteses de atribuição de uma identidade precisa àquele nome,

ambas brasileiras (no sentido, pelo menos, de nascidas no Brasil, ou na América Portuguesa) e ligadas pelo laço familiar de tio-sobrinho. A informação consta de um artigo de Nuno Canas Mendes (2000) em que são estudados dois ramos da família Amaral Gurgel que vieram para Portugal.

O primeiro Cláudio era neto do fundador da família no Brasil, o corsário Toussaint Grugel, natural de Le Havre: a mãe do hipotético poeta, Ângela de Arão do Amaral, era filha do francês, tendo casado por volta de 1637 com o capitão João Baptista Jordão, natural de Azinhaga do Ribatejo. Cláudio Grugel do Amaral, o último dos sete filhos do casal, terá nascido por volta de 1654, no Rio de Janeiro, onde também morreria, assassinado, a 17 de abril de 1716. Veio para Coimbra estudar Cânones, matriculando-se em *Instituta* a 8 de novembro de 1670, de acordo com Francisco Morais (1949, pp. 29-30). Obteria, segundo o mesmo autor, o grau de Bacharel a 14 de maio de 1676, alcançando a Formatura a 22 de maio do ano seguinte. Este Cláudio Grugel publicou em Coimbra, em 1675, um texto jurídico em latim, ainda na qualidade de estudante: *Ad Inchoanda Scholastica Certamina. Pontificii Juris Proponuntur Asseverationes...* Verifica-se também, pela consulta do trabalho de Ángel Marcos de Dios (2001, p. 105), que Cláudio Grugel frequentou igualmente a Universidade de Salamanca. Nessa universidade obtivera aliás o bacharelato em Cânones a 2 de maio de 1675 (livro 752, 161v).

A 25 de junho de 1679 está de regresso ao Rio de Janeiro, de onde dirige uma carta ao Dr. André Nunes da Silva que encontrei na Biblioteca Nacional de Portugal (Ms. 245, n.º 141). O destinatário da missiva é um poeta de certo relevo do período barroco que viveu entre 1630 e 1705. Segundo Diogo Barbosa Machado (1731: I, pp. 156-158), André Nunes da Silva terá ido, em tenra idade, com os seus pais para o Rio de Janeiro, onde frequentaria o colégio dos Jesuítas. Regressaria a Portugal

em julho de 1650, com o objectivo de frequentar o curso de Direito Canónico na Universidade de Coimbra. Obteria o grau de bacharel em 1656, sendo mais tarde ordenado sacerdote. Enquanto poeta, destacou-se como membro da Academia dos Singulares e da Academia dos Generosos, publicando diversas obras e deixando outras inéditas.

A carta de Cláudio trata de diversos assuntos quotidianos e de uma encomenda de livros, não tendo por isso particular interesse para o assunto em questão, que é a autoria do volume manuscrito que se guarda em Coimbra. De qualquer modo, é possível notar que se trata de um texto que revela cultura literária e domínio da escrita, embora esse dado não sirva de elemento de prova, na medida em que se trata de um requisito habitual num bacharel formado em cânones por Coimbra (e Salamanca). Veja-se contudo, a título meramente ilustrativo, o primeiro parágrafo:

> Meu Sr.,
> É certo que se não logram ditas neste mundo sem que ao mesmo tempo se experimente algum dissabor, que as faz não chegar ao auge da perfeição, porque como nele é tudo aparente e defeituoso tudo, ainda o que se mostra mais firme e mais perfeito padece as faltas, que bastam a diminuir-lhe a grandeza com que se nos representa; assim me sucede agora com o que me propunha o discurso ao tempo em que me embarquei e com o que a experiência me ensina, quando me vejo logrando a pátria (que não sei se suspirei com muita ânsia), cuja vista me alegrou de sorte que cheguei a julgar bem empregadas todas as aflições passadas, só pelo bem presente; porém, como este se não logra sem desares, era força que me sucedesse quando o possuo[,] o que é tão comum a todos; mas bem me rira eu desta regra tão geral, se não fora a saudade de V. M. a que perturba o contentamento com que me vejo, porque só ela sendo efeito do afeto com que estimo a V. M. pudera opor-se a tamanha ventura; ainda eu pudera

> continuar esta matéria apoiando a verdade do que digo, se não fora conhecer o crédito que V. M. dá à minha amizade e à fineza com que o venero, e assim me livro de mais rezões e a V. M. de tanta leitura. (BNP, Ms. 245, nº 141)

Sabe-se ainda que Cláudio casaria, em 1684, com a carioca Ana Barbosa da Silva, resultando dessa união quatro filhos. Por alvará régio de 12 de fevereiro de 1688, seria nomeado Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro e desempenharia outras funções públicas, designadamente as de Vereador da Câmara e de Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Ocupou ainda, de acordo com Heitor Amaral (1964, pp. 72-75), uma série de lugares relativos à defesa militar do Rio de Janeiro. Tendo ficado viúvo a 2 de abril de 1695, abraçou a vida sacerdotal, aparecendo mais tarde envolvido num aventuroso episódio político-policial com o seu segundo filho, o Alferes José Grugel do Amaral. De contornos ainda mal esclarecidos, o caso parece ter tido a ver com a oposição – tanto de Cláudio como de seu filho José – ao Governador do Rio de Janeiro, Francisco Xavier de Távora, que exerceu o cargo entre 1713 e 1716. O ponto alto do conflito foi a morte de João Manuel de Melo, favorito do Governador, às mãos do Alferes José. A vingança desse homicídio acabaria por provocar a morte de Cláudio Grugel do Amaral, enquanto o filho – logrando escapar desta feita – viria a ser executado na Bahia, em 1722.

Mesmo com o episódio que acabaria por provocar a sua morte, talvez não haja na biografia do possível poeta nada de absolutamente excecional: produto da elite local, obtém formação superior em Portugal, volta à terra de origem, atuando como um homem do seu estatuto e da sua época, não hesitando em assumir o conflito com as autoridades que limitavam o seu poder.

Vejamos agora a outra possibilidade de identificação, correspondente ao sobrinho homónimo do precedente. Este segundo Cláudio, de acordo com Nuno Canas Mendes

(2000, p. 246), nasceu também no Rio de Janeiro, por volta de 1681, e faleceu em Lisboa, a 19 de março de 1752. Estudou igualmente em Coimbra, obtendo o grau de Bacharel em Cânones, mas acabou por fixar residência em Lisboa, sendo nomeado Procurador da cidade em 1704. Mais tarde, em 1737, seria nomeado Superintendente da Junta da Administração das Obras das Águas Livres, assumindo um papel de grande relevo na resolução do problema de abastecimento de água à capital. Tinha casado em 1702 com Brites Teresa de Melo, natural de Maragojipe, no Recôncavo baiano.

Para além destes elementos biográficos, temos no próprio cancioneiro dois dados indiretos. O primeiro vem num poema (38v) em que o sujeito declara ter nascido em Portugal:

> A ũa Senhora, que murmurava de Lisardo não fazer a Sílvia versos senão em Português
>
> Soneto
>
> Em Portugal nasci, me diz o Cura,
> em Portugal me fiz, tal qual Poeta,
> parir podia minha Mãe em Creta
> e falar-te-ia em língua mais escura;
>
> Que te pareça pois por desventura
> a Musa em português não ser discreta,
> pouco vai, porque a musa de um baieta
> teus fileles na lima não procura;
>
> Eu poeta (se sou) como enamoro
> a Sílvia mais gentil, em a beleza
> Anjo humanado, em o terreno Coro;
>
> Sendo Sílvia tão linda Portuguesa,
> fora, Senhora Aminta, desaforo
> o fazer-lhe eu os versos à Francesa.

Num outro momento da obra, há um texto em décimas em que um conjunto de damas, dirigindo-se a Lisardo, o dão "por Cabrão em Portugal,/ Conde de Cabra em Castela." (60). Aliás, já o autor do poema que serve de prólogo se referira ao autor como "excelso lusitano".

Não creio que elementos deste tipo ponham em causa a autoria de qualquer dos dois Cláudios atrás referidos: nascidos no Rio de Janeiro, são brasileiros mas não deixam de ser portugueses, não sendo portanto de estranhar que o sujeito diga "Em Portugal nasci [...]", sobretudo num contexto em que justifica e defende a utilização da língua portuguesa. O facto aliás de afirmar que "em Portugal me fiz, tal qual Poeta" parece sugerir que a prática da poesia se iniciou com a vinda para Coimbra. Por outro lado, o conteúdo burlesco de parte da obra e a ausência de quaisquer referências ao Brasil no seu conjunto talvez autorizem a supor que a atividade poética do autor, qualquer que ele seja, se limitou ao período estudantil. Um último argumento obriga a antecipar o ponto principal deste breve estudo: a relação – paródica – da obra manuscrita com a *Sílvia de Lisardo*, de Baltasar de Brito e Andrade, mais conhecido pelo seu nome religioso de Frei Bernardo de Brito. De facto, no prólogo do impressor que vem na 1.ª edição de *Sílvia*, de 1597, há também uma defesa da língua portuguesa:

> Ficãdome de tudo iſto o premio de ver a lingoa Portugueſa engrandecida com impreſſoẽs, & conhecida por eſta via, a ſermosura que tem, em Verso, & Proſa, & os estrangeiros deſenganados, da opinião que entre ſi trazẽ, de serem as ſuas muy auentajadas da noſſa: & acabando de entender, que ſe algũas eſtrangeiras são mais copioſas de palauras, que ella; tẽ a Portugueſa melhoria, em mostrar mayores conceitos, em a ſua breuidade, que as mais em grande rodeo de palauras, & nacer algũa falta de pollicia (ſe tégora a teue) da muita que há de impreſſoẽs, por meo das quais ſe apura em pouco tẽpo a groſſaria dos Idiomas. (Brito 1597: s/n)

Note-se ainda que a referência ao francês no último verso pode aludir à origem francesa da família e/ou às pretensões francesas sobre o Rio de Janeiro que se faziam sentir no final do século XVII.

O segundo dado indireto que o cancioneiro nos fornece para a identificação do Cláudio Grugel do Amaral da folha de rosto está contido na Silva "Em aplauso do Autor" (1-4v), escrita em castelhano e assinada por António Leitão de Faria. Não há no poema nenhuma pista biográfica, mas importa atentar em quem o assina. Segundo Álvaro Neves (1942), trata-se do filho de André Leitão de Faria, que viveu em Lisboa entre 1638 e 1722 e se destacou como poeta, calígrafo e pintor. Refira-se que os pais e os avós maternos de André eram naturais de São Salvador da Baía e que uma das testemunhas do seu casamento foi André Nunes da Silva, o destinatário atrás referido de uma carta de Cláudio Grugel. Ora, o filho de André, António Leitão de Faria, nasceu em 1684, em Lisboa (Neves 1942, p. 30), vindo a seguir as pisadas do pai: foi calígrafo e pintor, escrevendo também alguns poemas.

Com este dado, o processo de identificação de Cláudio Grugel do Amaral talvez não fique definitivamente fechado, embora as informações reunidas sejam bastante conclusivas. Se admitirmos que a silva "Em aplauso do Autor" foi escrita por aquele António Leitão de Faria, somos obrigados a excluir o primeiro Cláudio, dado que em 1679 ele está de regresso ao Brasil e não consta que tenha voltado à metrópole. Torna-se pois provável que o Cláudio do cancioneiro manuscrito corresponda ao seu sobrinho, nascido no Rio de Janeiro três anos antes de António Leitão de Faria. O facto de este Cláudio já em 1704 ser Procurador de Lisboa permite admitir a convivência entre os dois. Falta porém uma data para a composição da obra, embora a natureza paródica e burlesca dos textos pareça sugerir que se trata de um produto da juventude do autor, escrito possivelmente no início do século XVIII.

Identificado o presumível autor, passemos finalmente à obra, em que se reconhecem com facilidade estilemas barrocos, que sabemos dominarem ainda a literatura luso-brasileira do princípio de Setecentos. O volume está organizado como um verdadeiro livro, como aliás se percebe pela caligrafia aprimorada, pelo alinhamento cuidado dos textos, pela utilização da cor em algumas palavras e letras ou pelas maiúsculas trabalhadas. A obra está dividida em três partes que, no seu conjunto, desenham um percurso sentimental e de vida.

A primeira delas, talvez a mais previsível (no sentido de mais próxima da linguagem lírica da época), apresenta o seguinte título: "Triumphos da Beleza/ Victorias do Amor/ Magestades da fermozura/ e Imperios de Sylvia/ Escreveos, dedicaos, e consagraos/ Lizardo/ A soberania, â pompa, ao Lustre, a gala/ Das Flores/ A Sylvia Triumphante/ Imprimeos/ De Lizardo o affecto/ A custa de seus Suspiros/ Em os bronzes/ Da Eternidade." Esta secção do volume comporta um total de 36 poemas, distribuídos pelas formas poemáticas mais comuns na época: 17 sonetos, nove romances, seis poemas em décimas, três madrigais e uma endecha. A escolha dos nomes do par amoroso não deixa dúvida quanto ao hipotexto (de acordo com a categorização de Genette) usado por Cláudio Grugel do Amaral: a *Sílvia de Lisardo*, de Frei Bernardo de Brito (*1568-9 †1617).

Publicada pela primeira vez em 1597, sem indicação de autoria,[1] a obra voltaria a sair, já com atribuição a Frei Bernardo de Brito, em 1626 (Lisboa: Lourenço Craesbeck), 1632 (*idem*), 1668 (Lisboa: Joam da Costa) e 1784 (Lisboa: Francisco Luis Ameno). Os poemas que a integram terão sido compostos entre os anos 80 e 90 do século XVI, antes ou não muito depois de o

1. Mas com a atribuição feita por contemporâneos, como Manuel de Faria e Sousa e Manuel Severim de Faria.

autor ter entrado para a Ordem de Cister e professado, em 1585, no Mosteiro de Alcobaça.

De orientação maneirista, a obra do polígrafo almeidense revela nítidas características do petrarquismo, sobretudo na parte inicial, correspondente às formas italianizantes (sonetos e églogas). Nela se inclui também o "Sonho de Lysardo, que he quaſi como a ſegũda parte de Crisfal", em que a história do amor de Crisfal – que deixara de ser correspondido por Maria, ingressada num convento – é usada para estabelecer um paralelismo com o amor de Lisardo por Sílvia. A par desta, há também, como notou Nelma Patela da Silva, uma vertente, geralmente sob a forma de romance, que revela "uma certa ousadia e uma maior intensidade quer na vivência quer na forma de exprimir as emoções" (Silva 1998, p. 63).

Esta direção, por assim dizer dupla, é também acompanhada por Cláudio Grugel, que começa a obra num registo petrarquista – embora barroco, sobretudo na sintaxe –, dialogando às vezes de forma explícita com alguns dos poemas de Frei Bernardo. Veja-se os sonetos que servem em cada uma das obras de dedicatória, começando pelo do poeta português:

> Soneto de Lysardo a ſtas obras.
>
> Versos, que indicio ſois de meus ardores,
> Rima, que meus ſegredos publicaſtes,
> lagrimas, que tambem ſolemnizaſtes,
> ao ſom de andechas tristes minhas dores
>
> Agora que vos veijo em mortas cores
> á vista do painel que retrataſtes,
> góſto de vos olhar pois não leuastes
> a olhos eſtrangeiros meus amores,
>
> Se acontecer a caſo, que entendida
> do mundo ſeija a dor, que em vós publico
> moſtrai a cauſa que ouue de renderme:

Que ſendo dos leitores conhecida,
verão que em me perder ſem culpa fico,
& que fora mór culpa não perderme. (Brito 1697: s/n)

Vejamos agora o do autor carioca:

A Sílvia

Dedicatória

Soneto

Estes triunfos teus, estas vitórias
de um amor firme, de ũa fé constante,
Lisardo, ó Sílvia, te oferece amante
quando ao mundo publica tuas glórias;

não escreve, bem sabes, vãs histórias,
porém dessa beleza tão brilhante
prendas ilustres, quando mais triunfante,
consegue de Lisardo altas vitórias;

ouve pois seus suspiros, que sentidos
são os triunfos dessa gentileza[;]
não sejam nos desdéns tão desabridos,

nem nos rigores, menos na fereza
como é o peito teu, os teus ouvidos,
como é na condição tua beleza. (BGUC, 354: 5)

Há muitos outros casos em que o intertexto assume uma configuração semelhante, isto é, em que a alusão é de tal modo subtil que não permite detetar de imediato o diálogo entre os dois textos. É o caso do motivo clássico do retrato, que Frei Bernardo desenvolve com subtileza maneirista e ligeira ressonância camoniana:[2]

2. A particular transformação do amador em cousa amada lembra ainda, por antecipação, uma passagem de *No antigamente na vida* de Luandino Vieira: "E eu olhei os olhos nos olhos dos olhos meus dentro dos dela."

Soneto em que diz, que quando ſe via nos olhos de Siluia achaua em ſi merecimento pera a querer, & auſentandoſe o perdia de viſta.

Quando me vi nos olhos que me virão,
veſtido com librea d'eſperança,
cuidei que aquella cor era bonança,
& não q os proprios olhos ma veſtirão.

E como diſto alegre me ſintirão,
por não dilatar mais tal confiança,
fizerão em ſi meſmos a mudança,
que no lume dos meus logo imprimirão,

Em fim, que quando em Siluia retratado
me vi, & não em mim, achei comigo
baſtante opinião pera querela:

Mas quando a não vi, deſenganado
fiquei, porque leuou ella conſigo
o preço, com que pude merecella. (Brito 1597: 3v)

A réplica de Grugel sublinha, pelo contrário, uma espécie de dualidade entre significante e significado, entre retrato e alma, no quadro mais amplo do sofrimento de amor:

A Sílvia

Enjeitando um retrato a Lisardo

Soneto

A alma deste retrato não me entregas
quando mo entrega teu desdém ingrato,
pois se a efígie te dei deste retrato,
a alma que te entreguei nele me negas;

neste lance tão vil, ingrata, alegas
o que esta alma padece em teu mau trato,
pois entregando-ta eu a teu recato,
fica em ti e do retrato te despegas;

a alma, enfim, te entreguei, nesta pintura[;]
esta me entregas, tens naquela a palma[;]
que importa logo pois que em sorte dura

me enjeite do rigor em brava calma
este retrato tua fermosura,
se em ti, Sílvia cruel, me fica a alma? (BGUC, 354: 6v)

A lista de casos poderia ser aumentada. Frei Bernardo tem, por exemplo, um "Soneto que Lysardo fez a Siluia em dia de Paſcoa, eſtando auſente della, & tendoa viſto a noite da Paixão." (Brito 1597, p. 16), ao passo que o poeta do Rio apresenta outro "A Sílvia/ Trazendo ũas flores na mão ũa manhã de Páscoa" (BGUC, 354: 27v). Refira-se que, já nesta primeira parte do volume manuscrito, há momentos em que o diálogo intertextual assume contornos paródicos. Confronte-se o "Soneto feito a Silvia, porque eſtando ennaſtrando os cabellos em hum jardim, veo hũa grande tempestade." (Brito 1597, p. 17) com um poema em décimas de Cláudio, dedicado "A Sílvia/ Estando sonolenta à vista de Lisardo e espertando a uns trovões" (21v-22v), o qual apresenta um nítido teor burlesco, como se percebe da seguinte passagem:

Estou para vos dizer
desta raiva em a paixão
que tomara ser trovão
para acordada vos ter;
pois que à vista de um querer
com sono estais, minha flor,
donde infere a minha dor

que para tal formosura
tem um trovão mais ventura
do que forte o meu amor.

De resto há nesta secção inicial muitos momentos em que a representação mais ou menos petrarquista da amada resvala para o plano carnal e adquire um tom licencioso, bem mais carregado pois que a sugestão erótica que vai aparecendo na parte final da obra de Frei Bernardo de Brito, geralmente sob a forma de romance. Vejamos duas passagens de uma endecha (31v-35):

As tetinhas alvas,
filagranas todas,
da mais alva neve
(minha Sílvia) zombam.

Manjar branco em pelas
nessas tetas mostras,
que muito as desejam
vontades gulosas.

[...]
Falemos na saia
que teu corpo assombra;
mal o haja ela,
que o mais me não mostra.

Que eu to retratara,
fresquinha senhora,
em prisões de prata
o botão da rosa. (v. 41-48; 89-96)

Mas é na segunda parte do volume manuscrito que o registo paródico é definitivamente confirmado. Usando de forma

sarcástica o motivo clássico do amante enganado, os textos dão conta do fracasso da relação amorosa entre Lisardo e Sílvia, devido à traição da dama, que percebemos agora ser freira. O título anuncia com clareza a mudança de registo: "Cornucopia/ Que em o congreço Poetico/ dos famozos Academicos nocturnos/ Selebremente, seteçeo/ Em os selebrados cornos, q pos a fermoza/ Sylvia/ A seu amante, Lizardo/ Offereçea, e dedica a/ O Dezengano/ A todos os Amantes, mentecaptos, Basbaques/ Anciozos Tantalos, e/ âerios cameliões/ Em os enganozos amores de Freyras/ Imprimios/ A Disquirição./ A Custa dos mesmos Nescios." Segue-se uma paródia dos elementos habituais numa edição impressa: um soneto em que Apolo manda rever os poemas "A Trajano Bocalino, como a censor do Parnazo" (47); um outro em que Bocalino dá conta da censura que fez (47v); outro em que Apolo dá a licença para a impressão (48); outro com a "Taxa que a Meza do Paço de ElRey Apollo pos a este Livro." (48v); a dedicatória "Aos Senhores amantes Freyraticos." (49); um soneto enviado do Inferno por Marcial "Aos Senhores Academicos Nocturnos" (49v); o soneto de resposta "pellos mesmos consoantes." (f. 50); e, por fim, um soneto "Ao pio E devoto Leytor." (50v).

A *Cornucópia* propriamente dita é formada por quatro poemas que dois amigos e algumas damas dirigem a Lisardo: uma silva, um romance, um poema em décimas e uma endecha. A título ilustrativo, vejamos uma passagem do romance (57v-58r):

> Convosco falo, Lisardo,
> porque falando convosco
> cornos tudo são que vejo
> e cornos tudo o que topo.
>
> Cornos fêmeas, cornos machos,
> cornos grandes, cornos mochos,
> cornos grandes e piquenos,

cornos delgados e grossos.

Cornos com nós de Boi velho,
cornos de veado e cornos
de carneiro e de cabrão,
cornos que não tem já conto.

E são tantos que podeis
ter os timbres bem famosos
dos Duques de Cornualha
e mais dos Cornélios todos. (v. 25-40)

A terceira e última parte do volume constitui uma espécie de resposta de Lisardo à sátira anterior. O primeiro texto é uma longa dedicatória em prosa: "A S.ra Catherina do sacram.to/ Dedica, offerece, e consagra/ Lizardo./ Os Triumphos de sua Belleza." (67-71v). Segue-se um outro texto em prosa, ainda mais extenso, intitulado "Advertencia Appologetica./ Rezão Satisfatoria/ Discurso demostrativo, deste empenho./ As Senhoras/ q curioza mente lerem/ Estes Tropheos de amor, em os Triumphos/ da mayor Beleza." (72-101). Nele o sujeito, lamentando a sátira de que Sílvia fora objecto, narra um sonho em que se vira no Pindo, aí encontrando os autores da *Cornucópia*. Tal como eles, também o narrador, que se chama Artimidoro,[3] é preso e levado à presença de Apolo, acusado de ter sido o pretexto dos crimes de que todos são acusados: a prática da sátira e da poesia lasciva. Condenados inicialmente a casarem com as damas que tinham apresentado queixa a Apolo, acabam por ver a sentença comutada: são suspensos "das ordens de Poetas, mandando as Musas os não socorram com nenhuns consoantes, sob graves e terríveis penas, por tempo de dous Anos" (100). São também enviados, pelo mesmo período de

3. Nome certamente inspirado em Artemidoro de Daldis (ou de Éfeso), oniromante e adivinho grego, que viveu da segunda metade do século II d.C. e que escreveu um livro sobre a interpretação dos sonhos.

tempo, para a nova conquista do Monomotapa, ao passo que as queixosas são mandadas recolher a um convento. O narrador recebe ainda a ordem de queimar a *Cornucópia* e de louvar Sílvia em verso, sob o nome de Lisardo.

Como se percebe estamos agora mais longe do hipotexto da *Sílvia de Lisardo*: se é verdade que o motivo do sonho e da freira dialogam com o "Sonho de Lysardo, que he quaſi como a ſegũda parte de Crisfal", a viagem ao Parnaso terá outras fontes. O tema aparece com frequência na literatura clássica, sobretudo espanhola. Basta recordar *Viaje del Parnaso* de Cervantes (1614), *Laurel de Apolo* de Lope de Vega (1630) ou *El Sacro Parnaso* de Calderón de la Barca (1659). Na literatura portuguesa também se mantém até tarde, como se pode ver pelo poema joco-sério de finais de setecentos *A Josefinada*, de Manuel Rodrigues Maia (cf. Amaral 2011).

A parte final do volume de Cláudio Grugel é ocupada com o cumprimento da sentença de Apolo: ao longo de 18 poemas (oito romances, oito poemas em décimas e dois sonetos), Lisardo louva D. Caterina do Sacramento, voltando-se assim ao ponto de partida e encerrando a obra no mesmo registo elevado e engenhoso com que começara. Sirva de exemplo a primeira estrofe de um poema em décimas (116v-117):

> À mesma Senhora tendo na toalha ũas Flores secas
>
> Décimas
>
> Se ao sol da vossa beleza
> essas flores não murcharam,
> com menoscabos ficaram
> dessa sua gentileza;
> pois murchando com destreza
> de tal beleza ao farol,
> mostraram que no arrebol

de tal sol nos resplendores
eram, Caterina, flores,
e vós um luzido sol. (116v-117v, v. 1-10)

Chegando ao fim desta breve apresentação de um trabalho ainda não acabado, não é fácil extrair uma conclusão sobre o sentido da paródia: Que visa esta imitação cómico-caricatural de uma obra ainda canónica no século XVII? Trata-se de uma forma de homenagem ou de uma crítica carnavalesca aos valores que ela representa ou ainda de uma atualização bem-humorada dos amores freiráticos tão presentes na literatura barroca? A resposta exigirá mais trabalho e a disponibilização ao público da edição, que trará para a literatura luso-brasileira uma nova voz, com o seu quê de irreverente.

Referências

AMARAL, Andreia. *A "Josefinada" de Manuel Rodrigues Maia: um poema joco-sério sobre um caso de plágio no final de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

AMARAL, Cláudio Grugel do. *Ad Inchoanda Scholastica Certamina*. Conimbricae: *apud* Iosephum Ferreyra, 1675.

AMARAL, Heitor Luís Gurgel do. *Uma Família Carioca do Século XVI*. Rio de Janeiro: São José, 1964.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Ms. 354.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Ms. 245, n.º 141.

BRITO, Frei Bernardo de. *Silvia de Lysardo em que ha varios Sonetos, & Rimas, com a segunda parte do Sonho de Chrisfal.* Agora novamente impressa, & posta em ordem por Alexandre de Siqueira, Impressor de livros. Lisboa, 1597.

DANE, Joseph. *Parody: critical concepts versus literary practices: Aristophanes to Sterne*. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1998.

LISBOA, Câmara Municipal de. *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: C.M.L., 1990.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*. tomo I. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1731.

MARCOS DE DIOS, Ángel. *Os portugueses na Universidade de Coimbra desde a Restauração até às reformas iluministas do Marquês de Pombal*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2001.

MENDES, Nuno Canas. "Do Brasil para Portugal: itinerários genealógicos de dois ramos da família Amaral Gurgel." *Genealogia & Heráldica*, 3, Porto, 2000, pp. 233-237.

MORAIS, Francisco. "Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil". In: *Brasília*. Coimbra, vol. IV – Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador, 1949.

NEVES, Álvaro. *"Eques Faria Filius" é António Leitão de Faria: processo de identificação do calígrafo e desenhador do século XVIII*. Lisboa: Bertrand, 1942.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

SILVA, Nelma Cristina Mesquita Gomes Patela Cardoso da. *"Sílvia de Lisardo": edição e análise do texto.* Dissertação de

Mestrado em Literatura Portuguesa – Época Medieval e Clássica. Lisboa: FLUL, 1998.

TOPA, Francisco (2011). "Nas origens da literatura brasileira: um poeta luso-brasileiro desconhecido." *Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre / Lisboa. IV: 2, 2011, pp. 167-171.